

Os Dois Viajantes

Ricardo Flores Magón

Dois viajantes se encontraram, suados, em um mesmo ponto de seus caminhos, curvados sob o peso de seus fardos.

- O que carregas? Perguntou um ao outro.

- Esperanças – disse o interrogado - E você, o que carregas?

- Desenganos.

E os dois viajantes se olharam fixamente, sorrindo o das esperanças, suspirando o dos desenganos.

O dos desenganos disse:

- Eu também carreguei esperanças por algum tempo; mas uma a uma sucumbiram como flores plantadas no gelo e agora carrego cadáveres. O que é o desengano se não o cadáver de uma esperança?

O dos desenganos suspirou e dos seus olhos embelezados pela dor se desprenderam pérolas líquidas, condensação sublime da amargura humana. Depois de uma breve pausa, continuou:

- Com meu fardo bem repleto de esperanças me lancei ao mundo em busca de um homem forte que salvasse o povo da miséria e da tirania. Os redentores abundam, cada um possuidor de uma maneira específica para acabar com todos os males que afligem a humanidade, cada um deles buscando o voto de seus con-cidadãos para fazer a felicidade do povo. O povo escolhia alternadamente a um ou a outro destes redentores e eu, como eles, fazia o mesmo. Tudo foi em vão. Logo

que o redentor chegou ao poder, se fez tirano. O homem é libertador quando se está por baixo; opressor, quando se está em cima. Entre os demais homens, o herói se vê igual a todos e se sente irmão dos que sofrem; no alto, se crê maior que os demais. Se quiser corromper um bom homem, não se tem que fazer outra coisa do que transformá-lo em chefe.

O viajante dos desenganos baixou a cabeça, como quem se entrega a uma meditação profunda, para continuar desta maneira:

- Foi assim que morreram uma a uma minhas esperanças. A humanidade está condenada à prisão perpétua, porque não pode encontrar-se o homem que pode salvá-la.

E suspirou e nesse suspiro continham todos os desalentos e se somavam todos os esgotamentos e desmaios de todos os vencidos do mundo.

O viajante das esperanças abriu os lábios, com um gesto que injetava confiança e dissipava o pessimismo pelo outro lançado, disse:

- Foram bem merecidos os fracassos dos povos que andaram em busca de um homem que os livrasse da miséria e da tirania. Eu não busco um homem que redima, mas sim homens

que se redimam. Eu não acredito em um homem que dê a liberdade, mas sim em homens que a conquistem por sua própria conta. “A emancipação dos oprimidos deve ser obra dos próprios oprimidos.”

Endereçou sua cabeça e lançou um amplo olhar que parecia abarcar todas as coisas, todos os homens e todos os acontecimentos da história, um olhar que tudo compreendia, podia compreender tudo e tirar do conjunto das conclusões que iam ao encontro da ciência. Depois de um curto silêncio, disse:

- O erro da humanidade consistiu em querer se libertar da miséria e da tirania, mantendo em pé a causa desses males que é o direito da propriedade privada e suas consequências naturais: o governo e a religião, porque a propriedade individual necessita de um cão de guarda que a cuide: o Governo. Também de um charlatão que mantenha no pobre o temor de Deus para que não se rebelde: o sacerdote. Eu vou contra o Capital, a Autoridade e a Religião. Vou para Anarquia, eu triunfarei!

Os dois viajantes se despediram, um fortalecido com suas esperanças, outro esgotado com seus desenganos.

Ricardo Flores Magón foi militante anarquista com atuação relevante na Revolução Mexicana. Traduzido por Eleuterio Panclasta.